



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

**TRAÇOS DE VIDA E DA POÉTICA MÍSTICO-REVOLUCIONÁRIA DE
ERNESTO CARDENAL**

**TRACES OF LIFE AND THE MYSTIC-REVOLUTIONARY POETIC OF
ERNESTO CARDENAL**

Marcelo Rodrigues dos Reis¹

Resumo:

Ernesto Cardenal Martínez, morto recentemente, figura como um dos mais prestigiados poetas da América Latina. Nascido na Nicarágua, em seu quase um século de vida, Ernesto Cardenal desempenhou papéis de relevo tanto no campo espiritual quanto temporal. Basta-nos mencionar que foi ordenado sacerdote católico em 1965 e somou ativamente com as ações revolucionárias da Frente Sandinista de Libertação Nacional. Resta claro que sua obra poética reflete essas escolhas. O presente artigo se dedica ao exame das narrativas presentes na poesia de Cardenal, carregada de irregularidades e versos livres, o que permite identificar nesse *corpus* literário os traços da personalidade ao mesmo tempo mística e revolucionária do escritor. Para tanto, no plano teórico-metodológico, recorre-se ao diálogo entre História e Literatura e suas categorias de análise.

Palavras-chave: Ernesto Cardenal. História de Vida. Poesia. Narrativa. Mística. Revolução.

Abstract:

Ernesto Cardenal Martínez, recently died, is one of the most prestigious poets in Latin America. Born in Nicaragua, in his almost century of life, Ernesto Cardenal played important roles in both the spiritual and the temporal fields. Suffice it to mention that he was ordained a Catholic priest in 1965 and added actively to the revolutionary actions of the Sandinista National Liberation Front. It remains clear that his poetic work reflects these choices. This article is dedicated to examining the narratives present in Cardenal's poetry, full of irregularities and free verses, which allows to identify in this literary *corpus* the personality traits that are both mystical and revolutionary for the writer. For that, in the theoretical-methodological plan, the dialogue between History and Literature and its categories of analysis is used.

Key words: Ernesto Cardenal. Life's history. Poetry. Narrative. Mystic. Revolution.

“Todos os cadáveres deste mundo são quimicamente iguais, mas as pessoas vivas não o são”

(Carl. G. Jung. Obras completas)

Introdução

¹ Bacharel e licenciado em História pela Universidade de Brasília (2001). Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação do Departamento de História da Universidade de Brasília (2004). Doutor em História pelo Programa de Pós-Graduação do Departamento de História da Universidade de Brasília (2008). Graduado em Comunicação Social, com ênfase em Jornalismo, pelo UniCEUB – Centro de Ensino Universitário de Brasília (1997). Professor do quadro efetivo da Universidade Estadual de Goiás. Pesquisador nas áreas de Estudos Culturais, História das Religiões, História do Brasil e Teoria da História. E-mail: marceloreisueg@gmail.com.



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

Em referência à epígrafe, cumpre-nos pontuar de modo objetivo algumas questões preliminares, que se apresentam notadamente atuais e relevantes para o presente interesse de pesquisa. A primeira delas consiste no entendimento incontroverso da singularidade dos indivíduos e de suas trajetórias. A segunda diz respeito ao reconhecimento de que esses indivíduos se veem enlaçados por uma gama ampla de discursos, a que estão são submetidos e dão forma. Discursos que interessam àqueles que anseiam conhecer uma dada história de vida. Por último, cumpre anotar a revalorização e o renovamento dos estudos biográficos no campo das ciências humanas e sociais, assim como na literatura.

O indivíduo que nos interessa conhecer trata-se de Ernesto Cardenal. Poeta, religioso e ativista político nicaraguense. Nascido em 1925, na cidade de Granada, Cardenal faleceu recentemente, em março de 2020, aos 95 anos. Sobre esse que é um dos nomes mais expressivos e prestigiados da literatura centro-americana, interessa-me identificar alguns dos marcos de sua vida, que oscilam fundamentalmente entre suas andanças espirituais e seu envolvimento com as ações revolucionárias da Frente Sandinista de Libertação Nacional. Serão também abordadas algumas das características da literatura de Cardenal, como o ativismo, a mística, o exteriorismo e o cientismo.

Mas antes de me deter nos traços de vida e da obra do poeta, com a brevidade que demanda um artigo científico, discorrerei sobre alguns dos balizamentos teórico-metodológicos desse estudo. Mais especificamente a emergência dos estudos biográficos, a interface entre história e literatura e, por último, como a poesia se deixa motivar pelos aspectos sagrados do mundo. Vamos a isso.

Na seara disciplinar da História, por exemplo, aqueles que se especializaram no gênero biográfico ousaram transcender as narrativas restritas ao exame do passado de grupos muitos particulares, como aristocratas, membros do alto clero, burgueses e outros segmentos socioeconomicamente destacados. Só assim as histórias de vida ingressaram no rol dos temas reconhecidos como legítimos.

A defesa de estudos centrados na trajetória de indivíduos contou com a mobilização de figuras importantes. Figuras que se envolveram com a escrita biográfica tanto no sentido de teorizá-la quanto no de dar forma a ela. Dentre elas, cumpre arrolar os historiadores Peter Burke (1997), François Dosse (2009), Norbert Elias (1994), Mary Del Priore (2009), Benito Bisso Schmidt (2005) e Sabina Loriga (1998; 2011). Detenho-me algo mais nas contribuições da historiadora italiana Sabina Loriga, de modo a tornar mais claras as potencialidades e a relevância do gênero biografia para o ofício do historiador. Sabina Loriga (2011) explora, por exemplo, a noção do que se convencionou chamar de o pequeno X.

A variável X, nesse caso, corresponderia à autonomia do sujeito submetido a um dado contexto sócio-histórico. Diga-se que, para estruturar sua análise, Loriga se amparou em nomes como Hegel (1770-1831) e Droysen (1808-1884), os quais distinguem o sujeito histórico como criador dinâmico, potência inventiva, uma força viva da História (LORIGA, 1998, p. 232). O que se quer é sublinhar a participação do indivíduo na trama social, da qual é parte e partícipe. Resta claro a quem se dedica ao gênero biográfico que essa compreensão se apresenta como lógica. Conforme sinalização anterior, o filósofo historicista alemão Johann Gustav Droysen (1808-1884) está na base desse raciocínio que esquadrinha o binômio indivíduo-sociedade. Droysen assinalou que:



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

Se designarmos por A tudo o que um homem é, possui e faz, esse A é formado de $a + x$, onde a representa tudo que lhe vem dos elementos exteriores, a saber, de seu país, de sua época etc., e o pequenino x constitui sua contribuição pessoal, a obra de sua vontade livre. Por menor que seja esse x, ele tem um valor infinito (DROYSEN, 1977 apud LORIGA, 1998, p. 233).

Em *A sociedade dos indivíduos*, Norbert Elias (1994), também se ocupou de refletir sobre o princípio de autonomia do sujeito, vista por ele como contingencial. Também em acordo com Droysen, Elias criticou a visão dicotômica que estabelece uma oposição entre indivíduo e sociedade. É bastante conhecida a passagem de sua obra em que o sociólogo alemão afirma que “a história é sempre história de uma sociedade, mas, sem a menor dúvida, de uma sociedade de indivíduos” (ELIAS, 1994, p. 45). A partir dessa premissa teórica, que situa o indivíduo como ativo social e construtor da história, volto-me, na sequência, para as relações entre história e literatura. E assim procedo Ernesto Cardenal se permite conhecer sempre que acessamos sua obra poética e estudamos suas ações no tempo.

Clio e Calíope coexistem

Inicie-se pela inferência óbvia: o feito literário comporta número expressivo de representações do passado. Deve-se reconhecer ainda que, a partir dos avanços da historiografia no curso do século XX, o diálogo entre História e Literatura se tornou realidade e tem recrudescido ainda mais. A favor desse movimento, estima-se, em especial, as contribuições dadas pela Escola dos Annales, que amplificou consideravelmente a noção de fonte histórica e promoveu o surgimento e amadurecimento da História Cultural

Musas aparentadas e cingidas, Clio e Calíope estão a serviço de estudiosos dos mais diversos matizes. Diante desse cenário, de novos horizontes teóricos e metodológicos, assiste-se ao incremento das possibilidades interpretativas do passado humano. Ocorrências, práticas e visões de mundo, constituídas no tempo, passam a ser conhecidas – hoje e cada vez mais – a partir do texto literário. Nesse sentido, a historiadora Sandra Jatahy Pesavento (1946-2009) vai assinalar que:

História e literatura são formas distintas, porém próximas, de dizer a realidade e de lhe atribuir/desvelar sentidos, e hoje se pode dizer que estão mais próximas do que nunca. Referimo-nos, por exemplo, à concepção de que a história, tal como a literatura, é uma narrativa que constrói um enredo e desvenda uma trama. A história é uma urdidura discursiva de ações encadeadas que, por meio da linguagem e de artifícios retóricos, constrói significados no tempo (PESAVENTO, 2003, p. 33).

Portanto, frise-se, o uso dos textos literários como forma de acesso ao passado torna-se legítimo. Tanto mais quando esses vestígios são cotejados com fontes de outra natureza. Ainda que a literatura não esteja interessada em repertoriar factualmente o passado, ela concentra muito do discurso, da memória, dos sentimentos, dos valores, das expectativas e normas, enfim, das representações sociais de um grupo cultural – ou mais de um.



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

Fato complementar é que os indivíduos se constroem identitariamente por meio da literatura, produzindo-a ou se alimentando dela. Mesmo a memória social de um povo passa a ser canalizada pelo discurso literário. Como resultado da pulsão criativa do autor, o mundo que o cerca e o atravessa se converte num discurso de caráter durável e carregado de significados. Não importando a escola, a estética e o estilo literários a que se associem, escritores projetam em suas narrativas aspectos significativos de seu tempo. A escrita a que dão forma reverbera o mundo que habitam. O escritor é ele mesmo um leitor e comunicador competente da sociedade. Entendo que Ernesto Cardenal possuía tal competência.

A fé como norte existencial

Ernesto Cardenal preencheu seu quase-século de existência com uma série de feitos e demonstrações do notável talento que o caracterizava. Não só sua poesia foi valorizada, mas também os trabalhos em prosa que realizou e sua dedicação à tradução de nomes consagrados da literatura. Nesse conjunto, posso citar T. S. Eliot (1888-1965) e Ezra Pound (1885-1972), representantes prestigiados da poesia modernista norte-americana. Passou a dominar o inglês sobretudo em razão de sua permanência na Universidade de Columbia, em Nova Iorque, onde estudou entre os anos 1948 e 1949.

Confesso amante das letras, estabeleceu ligações com outros poetas – contemporâneos dele ou não. Pode-se citar James Joyce (1882-1941), Pablo Neruda (1904-1973), Vicente Huidobro (1893-1948) e César Vallejo (1892-1938). Admitia ter sido influenciado por outros, especialmente por Thomas Merton (1915-1968), Walt Whitman (1819-1892) e Carl Sandburg (1878-1967). A estreita relação que estabeleceu com o universo dos poemas o motivou a fundar, em 1952, a editora *El hilo azul*, impulsionando, assim, a poesia da Nicarágua.

Em entrevista concedida em 2016, Cardenal declarou que o escritor nicaraguense José Coronel Urtecho (1906-1994) foi um dos nomes literários que o inspirou a escrever. Nessa mesma ocasião, porém, afirmou que sua grande influência foi Ezra Pound. Com quem aprendeu que “tudo cabe na poesia”. A biografia do próprio escritor pode figurar num poema. E essa lição, prova sua obra literária, foi aprendida por ele. Inspirado por esses e outros expoentes do universo literário, Cardenal se destacou como escritor a ponto de ser agraciado merecidamente com importantes prêmios literários. Dentre eles, em 2012, o Prêmio Rainha Sofia de Poesia Ibero-americana.

Como primeiro marco da trajetória do poeta-sacerdote, elejo sua passagem pela vida monástica (1957-1959), iniciada logo na sequência de sua conversão ao catolicismo². Em especial o convívio transformador que manteve no claustro com a figura de Thomas Merton (1915-1968), de quem, conforme registrei alhures, Cardenal recebeu grande e admitida influência. Thomas Merton era monge trapista, da Abadia de Getsêmani³, em Kentucky, nos Estados Unidos. Cenobita, escritor e profundo conhecedor das religiões, Merton era adepto do ecumenismo e do defensor do pacifismo. Tanto que, numa das correspondências que trocou com o amigo Cardenal, Merton externou o seguinte desabafo: “Você sabia que os católicos

² Ocorrida precisamente em 2 de junho de 1956.

³ Clara referência ao bíblico Horto das Oliveiras, jardim situado no sopé do Monte das Oliveiras.



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

fanáticos em Louisville queimaram meus livros, declarando que sou ateu por me opor à Guerra do Vietnam?” (MERTON, 1993, p. 151).

A partir do relacionamento mantido com Merton, reforçou-se em Cardenal seu engajamento pela causa dos pobres, dos despossuídos, dos marginalizados. Daí a opção que fez por um estilo de vida orientado pela temperança, pelo respeito ao outro e pela celebração da diversidade. Entendia que, assim, valorizava o amor ensinado por Deus aos homens. Impactado tão profundamente por sua permanência no monastério trapista de Getsêmani e pelas lições aprendidas junto a Merton, Ernesto Cardenal, mais tarde, escreverá dois livros de memória que contemplam esse período: *Vida perdida* e *Las ínsulas extrañas* (2002). Por motivos de saúde, Cardenal decide deixar o mosteiro em 1959, mas não sem antes firmar com seu mestre, Thomas Merton, o compromisso de criar uma comunidade espiritual não-convencional. Promessa que cumpriria.

Assim, na segunda metade dos anos 1960, em sua terra natal, fundou a comunidade contemplativa de nome *Nossa Senhora de Solentiname*, em que o espírito comunitário e a preocupação com o próximo funcionaram como pilares da entidade. Levava esse nome porque estava situada numa ilha do Arquipélago de Solentiname. Marcada pela simplicidade, pelo amor ao próximo – em acordo com o espírito evangélico original – e, de certo modo, liberta das amarras da Igreja, nessa comunidade religiosa, como iguais, formaram-se artistas de toda sorte, pintores, escritores e até escultores. Vale o registro de que essa ilha, por sua disposição havida como subversiva, foi bombardeada numa represália do governo ditatorial de Anastasio Somoza. Cardenal, no entanto, salvou-se desse ataque.

Após sua conversão e vivência monástica, em 1965, Ernesto Cardenal é ordenado sacerdote católico em sua cidade natal, Manágua. Quando analisado o conjunto de seus escritos e declarações públicas, resta evidente o amor que consagrava a Deus. Deus, para Cardenal, responsabilizava-se por infundir ânimo nas criaturas, de sorte que elas, no enfrentamento do cotidiano, pudessem melhor desfrutar da experiência do viver. Deus consiste no Sumo Bem e com ele estamos destinados a nos unir.

A mística de sua poesia e a cosmovisão de Cardenal guardavam relações com o escola do neoplatonismo. A noção de Uno, tomada de Plotino, filósofo neoplatônico do século III, compreende o ente divino como o bem absoluto. Causa de tudo e destino das criaturas. Dele tudo emana, inclusive o intelecto e a alma do mundo. O Uno é absolutamente transcendente. Essas três hipóstases (substâncias), que, segundo Ullmann (2002, p. 17), viram-se criadas com base no diálogo platônico intitulado Parmênides, correspondem a “três princípios divinos”, quais sejam: Uno (*hen*), Intelecto (*noûs*) e Alma do Mundo (*psyché*). Em síntese, o neoplatonismo compreendia que a contemplação do belo consiste no caminho de regresso ao Uno. Cardenal expressava esse mesmo entendimento.

De modo a referenciar propriamente o lado escritor Ernesto Cardenal, num primeiro momento, recorro a *Salmos* (1964). Escrito notável, publicado pouco antes de sua ordenação como sacerdote, o livro é o resultado da leitura dedicada de Cardenal do Antigo Testamento. Potencializado por sua experiência cenobítica, isso porque, no plano litúrgico, os monges trapistas recitam os Salmos sete vezes ao dia. A obra em questão consiste na transposição de temas presentes na Bíblia para a cena contemporânea. Nesse esforço poético, Cardenal aborda temas como regimes totalitários e seus mecanismos de opressão, a ameaça destrutiva das armas



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

nucleares e as políticas genocidas aplicadas, por exemplo, nos campos de concentração – *Konzentrationslager* – no contexto da Alemanha nazista.

A tradição veterotestamentária serve a Cardenal para que denuncie a série de injustiças e dramas que povoam o seu tempo. Trabalho que julgo paradigmático quando se quer falar em intertextualidade bíblica. Espécie de exegese das Escrituras compromissada com a leitura do mundo em que habitamos. Em *Salmos*, pronuncia-se um escritor engajado politicamente e cioso do domínio religioso. Selecionei um desses poemas para tornar claro o argumento de que havia um projeto político indisfarçável em sua produção literária. Como exemplo de verificação, cito o poema *Liberta-nos, Tu* (*Salmo 11*):

Liberta-nos tu
porque não nos libertarão os seus partidos
Enganam-se uns aos outros
E exploram-se uns aos outros
Suas mentiras são repetidas por mil rádios
suas calúnias estão em todos os jornais
Têm escritórios especiais para fabricar Mentiras
Esses que dizem:
"Dominaremos com a Propaganda
A propaganda está conosco"
Pela opressão dos pobres
pelos gemidos dos explorados
agora mesmo eu me levantarei
diz o Senhor
e lhes darei a liberdade pela qual tanto clamam
Mas as palavras do Senhor são palavras limpas
e não propaganda
Em todas as partes estão as suas armas
As suas metralhadoras e os seus tanques nos rodeiam
Somos insultados pelos assassinos cheios de condecorações
E os que brindam em seus clubes
enquanto nós choramos nos tugúrios
Os que passam a vida em coquetéis (CARDENAL, 1979, p. 73).

Em *Cântico Cósmico* (1989), outra de suas obras de reconhecida importância, Cardenal exalta a expressão espiritual do cosmo e, por meio de versos, rememora as etapas de sua infância e adolescência vividas em Granada. Reminiscências que exprimem, de um lado, sua pronunciada e precoce espiritualidade e, de outro, os prazeres que experimentou na companhia das mulheres que amou. Importa pontuar que, a rigor, Cardenal não se preocupava em ocultar ou renegar sua vida boêmia pregressa e a fruição que essa proporcionou a ele.

Não à toa Cardenal chocava conservadores. Manifestava sua admiração pelo sexo feminino sem reservas. Exemplo disso se vê em "Oração por Marilyn Monroe"⁴, por meio da qual rogava a Deus pela "alma da atriz e símbolo sexual". Poema celebrado e amplamente disseminado, consiste de uma elegia que descreve os sonhos de uma garota que almeja se tornar

⁴ Do livro "Oração por Marilyn Monroe e outros poemas", de 1965.



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

reconhecida como estrela do cinema e de como esse sonho concretizado se converte, naturalmente, em fama e, por fim, em tragédia. Marilyn Monroe se tornou ícone da cultura pop, cultura essa que interessava a Cardenal e inspirou sua produção poética.

Em *Cântico Cósmico* outra vez, obra de caráter transcendental, Cardenal expressa sua determinação de se unir mística e amorosamente – para alguns, eroticamente – ao divino. O que associa nossa personagem à tradição da poesia mística cristã, exemplarmente manifestada por São João da Cruz (1542-1591) e Santa Teresa de Ávila (1515-1582). Vejamos como a exaltação do amor divino e o desejo de união com Ele são expressos por Santa Teresa de Ávila em seu poema de título *Glosa*:

Já toda me dei a Ti,
E de tal sorte hei mudado,
que o Amado é para mim
e eu sou para o meu Amado.
Quando o doce Caçador
me atirou e fui rendida,
e nos braços do amor
minh'alma estacou, caída,
recobrando nova vida
de tal modo hei mudado
que o Amado é para mim
e eu sou para o meu Amado.
Atirou-me com uma seta,
Enlevada de amor,
e minha alma quedou feita
una com seu Criador;
já não quero outro amor,
a meu Deus já me hei dado,
que o Amado é para mim
e eu sou para o meu Amado (D'ÁVILA, séc. XVI apud LIMA, 2009, np).

Em seus versos, Teresa de Ávila se remete àquele que nomeia como Amado, isto é, a Deus, suprema criatura com que deseja entrar em comunhão. O êxtase da união mística. Ernesto Cardenal conduzirá seus versos de igual maneira. Seu Deus ele o via presentificado nas criaturas, na natureza, no mundo manifestado. O Deus de Cardenal pulsava nos camponeses, nos pobres e desfavorecidos de toda sorte. Discernia o próprio Deus nos proscritos da sociedade. O amor de Cardenal a Deus se convertia em amor à humanidade. Amor expresso tanto no discurso quanto no combate aguerrido que travou para debelar injustiças e desigualdades sociais.

Octavio Paz (1914-1998), ensaísta e poeta mexicano, de forma inteligente e sensível, dedicou-se ao exame do fazer poético. Dentre as considerações que formulou sobre o tema, divididas com escritores e demais interessados, destaco aquela que discerne o poeta como um criador de imagens, que, na execução de seu ofício, utiliza-se da linguagem como instrumento. Ele entende ainda que o resultado dessa operação inspirada pode perfeitamente acomodar os escritos de tipo sagrado, como vistos na obra de Cardenal. Com a palavra, Octavio Paz:



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

(...) o artista não se serve dos seus instrumentos – pedras, som, cor ou palavra – como o artesão, mas a eles serve para que recuperem sua natureza original. Servo da linguagem, seja ela qual for, o artista a transcende. Essa operação paradoxal e contraditória (...) produz a imagem. O artista é criador de imagens: poeta. E sua qualidade de imagens permite chamar de poemas o *Cântico espiritual* e os hinos védicos, o haikai e os sonetos de Quevedo. O fato de serem imagens faz as palavras, sem que deixem de ser elas mesmas, transcenderem a linguagem enquanto sistema dado de significações históricas (PAZ, 2012, p. 33).

Em recente artigo por mim publicado, avaliei essa manifestação de Octavio Paz por meio das seguintes considerações:

Os poemas citados por Octavio Paz, além de revelar a erudição do ensaísta, soam precisos. O primeiro deles, o *Cântico Espiritual*, consiste num famoso texto do século XVI, escrito pelo religioso espanhol São João da Cruz, que se converteu num ícone da narrativa mística cristã. Por seu turno, os Hinos Védicos correspondem a uma antiga compilação de hinos hindus dedicados especialmente à exaltação dos deuses. Já o haikai é um gênero poético do Japão que se destaca por disposição contemplativa, brevidade e valorização a natureza. Os sonetos de Francisco de Quevedo (1580-1645), escritor do conceptismo espanhol, dissertavam sobre a natureza divina, abrangendo temas como vida de santos, estoicismo e cristianismo (REIS, 2020, p. 3050).

Último livro de Ernesto Cardenal, *Así en la tierra como en el cielo* (CARDENAL, 2018), publicado em comemoração aos 93 anos do poeta, sintetiza o que foi a determinação de sua vida: materializar e inspirar o diálogo entre as dimensões material e espiritual, as quais, segundo ele, regulam a existência de cada ser. A reboque de temas como a origem do universo, vida, morte e ressurreição, a visão integradora de Cardenal aparece de modo evidente nesse livro.

Nada mais emblemático que seus últimos escritos combinassem contestação e contemplação, conceitos que, a meu ver, dizem muito sobre o percurso intelectual, literário e humano de Ernesto Cardenal. E assim ele se inscreve na tradição dos escritores místicos do Ocidente. Visto que cada um deles constrói sua obra poética e assume posturas que os levam a performar uma mística própria e, por meio da poesia, eles comunicam o êxtase, isto é, a essência de suas experiências religiosas/espirituais. Cardenal assim procedeu, plenamente.

A crença na revolução

As buscas espirituais de Cardenal, conforme sinalizei, estavam perfeitamente alinhadas com suas convicções políticas e a determinação de promover justiça social. As imagens e o ritmo de sua criação poética são revolucionários. Pode-se dizer que Cardenal era, antes de tudo, um revolucionário. Sua conexão com a revolução sandinista na Nicarágua, que culminou com a queda do ditador Anastasio Somoza (de apelido “Tachito” ou “Tacho”) exemplifica essa disposição. No curso das ações revolucionárias, Cardenal chegou, inclusive, a participar de um assalto ao palácio presidencial para derrubar o ditador nicaraguense.



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

Concluída a revolução sandinista, com Daniel Ortega no poder, Cardenal passou a ocupar o cargo de ministro da Cultura (1979-1987). Mais adiante, ao concluir que Ortega traía os princípios do movimento sandinista, o poeta-ministro rompe com o então presidente da Nicarágua. No que é apoiado por nomes importantes do meio intelectual e literário. Dentre eles, o escritor português José Saramago, que escreveu:

Ernesto Cardenal, um dos mais extraordinários homens que o Sol aquece, foi vítima da má consciência de um Daniel Ortega indigno do seu próprio passado, incapaz agora de reconhecer a grandeza de alguém a quem até um Papa [João Paulo II], em vão, tentou humilhar (SARAMAGO, 2020, np).

Como se vê, Saramago admirava Cardenal, conhecia sua poesia engajada e a sua luta. A bem da verdade, Cardenal deu forma a uma poesia social inspirada na Teologia da Libertação, corrente teológica, forjada na América Latina e ligada ao cristianismo, mas que não era reconhecida pela Igreja Católica. Sacerdotes, escritores e artistas, envolvidos com esse movimento sócio-ecclesial, defendiam a ideia de que a arte não basta a si mesma. Ela se desdobra em contestação, em brado libertário, em discurso exclamativo.

Na condição de sacerdote católico, Cardenal aderiu à Teologia da Libertação e, mais do que isso, tornou-se um dos sistematizadores e grande entusiasta dos princípios dessa escola teológica. Autêntica teologia militante, sua essência era anti-imperialista, na medida em que denunciava e combatia a política imperialista norte-americana, particularmente a ingerência ianque nos países da América Latina. No plano global, o combate às ditaduras, aos regimes totalitários de todos os matizes, constituía o cerne do movimento.

Nesse contexto, naquilo que nomeou de segunda conversão, Cardenal abraçou o marxismo. E assim, na companhia de outros religiosos cristãos, envolveu-se de modo efetivo na revolução sandinista, como uma das lideranças da Frente Sandinista de Libertação Nacional. Pode-se afirmar que a Nicarágua convulsa foi um dos campos de batalha em que mais atuou. Estabelecia-se nesses moldes a relação entre marxismo e cristianismo na Nicarágua sandinista. As declarações de Cardenal dizem muito sobre as contingências dessa luta emancipacionista. Por exemplo, quando ele afirma que “Dios me llevó a los demás hombres. La contemplación me llevó a la revolución”. Cardenal era consciente de que sua poesia só existia porque cumpria uma função social:

Me interesa la poesía, sí, y es lo que más hago, pero me interesa en la misma manera en que les interesaba la poesía a los profetas. Me interesa como un medio de expresión: para denunciar las injusticias, y anunciar que el reino de Dios está cerca.⁵

Como religioso, confiava que Deus veio ao mundo na pessoa de Jesus, o Cristo, e que, nessa roupagem, ele se doou aos proscritos da sociedade. Via no deus encarnado o modelo de doação e amor ao próximo. Assim, para ele, Jesus Cristo, hoje, seria o próprio povo. Provar seu

⁵ Entrevista concedida por Ernesto Cardenal a Carlos Pérez Ariza – jornalista e professor da Universidade de Málaga – em 1974. Disponível em: <http://www.elsoldigital.es/conversacion-ernesto-cardenal/>



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

amor ao Cristo era o mesmo que amar as pessoas necessitadas. Em *Cristianismo y revolución* (1974), Cardenal discorrerá sobre essa noção ampliada de amor:

São João disse que Deus é amor. Essa é uma frase vaga, que nada diz - a não ser que entendamos com precisão o que São João quer dizer sobre o amor. São João entende o amor como uma coisa muito concreta. Uma coisa a que normalmente nós não damos o nome de amor e que Jeremias descreve assim: defender a causa do pobre e do desamparado (CARDENAL, 1974, p. 58).

Além das perseguições que sofreu por ocasião dos governos de Sandino e, mais tarde, de Ortega, seu engajamento político rendeu a ele uma censura papal. Durante sua primeira visita à Nicarágua, em 1983, o papa João Paulo II, assim que desembarcou no aeroporto de Manágua, repreendeu publicamente Ernesto Cardenal por misturar religião e política⁶. Ato contínuo, Cardenal se viu impedido de officiar cerimônias religiosas pelo sumo pontífice. Isso porque recebera a pena eclesiástica *a divinis*, que só seria revogada por decisão do Papa Francisco em 2019, um ano antes de sua morte. Constata-se que sua crença na revolução causou a ele alguns reveses, porém sem essa crença sua poesia não seria sequer viável.

Exteriorismo e cientismo em Cardenal

Ernesto Cardenal revelava ter perfeito discernimento não só da mensagem e do propósito de sua poesia, mas também do que ela significava do ponto de vista estético e do que se alimentava. Nesse sentido, ressalve-se o exteriorismo. Termo pelo qual foi batizada a poesia praticada por Ernesto Cardenal, que privilegiava as imagens próprias do mundo externo, da vida real, do mundo palpável. É a partir desses elementos que se engendra a narrativa poética a que ele deu forma. Vejamos como o próprio Cardenal compreendia essa ideia:

El exteriorismo no es un ismo ni una escuela literaria. Es una palabra creada en Nicaragua para designar el tipo de poesía que nosotros preferimos. El exteriorismo es la poesía creada con las imágenes del mundo exterior, el mundo que vemos y palpamos, y que es, por lo general, el mundo específico de la poesía. El exteriorismo es la poesía objetiva: narrativa y anecdótica, hecha con los elementos de la vida real y con cosas concretas, con nombres propios y detalles precisos y datos exactos y cifras y hechos y dichos. En fin, es la poesía impura (QUEZADA, 1994, p. 19-20).

O exteriorismo concentra uma poesia que, em contraposição ao idealismo, privilegia o mundo material. Cardenal herdou essa inclinação de Ezra Pound. E essa herança, num primeiro olhar, parecia contrastar com sua adesão a temas metafísicos. A rigor, o texto exteriorista de Cardenal revela, de um lado, o quanto o realismo marxista serviu a ele de substrato para as narrativas que compôs e, de outro, que, no íntimo do escritor, carne e espírito coexistiam de modo natural e sem ressalvas. Cardenal dá realce à natureza, ao mundo sensorial, aos aspectos da vida concreta, mas sem abdicar da presença ostensiva do divino. Como exemplo

⁶ Registre-se que, de acordo com o Código de Direito Canônico, ministério sacerdotal e política partidária não são atividades conciliáveis.



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

dessa postura, reproduzo um trecho de *Vida Perdida*, seu primeiro livro de memórias (redigido em prosa):

En el jardín había un viacrucis con las estaciones labradas en piedra, esculturas de bello arte moderno. Me fui a rezar el viacrucis y en la primera estación un pajarito salió volando de la piedra; lo sentí como que Dios me quería decir con ello que lo que había sido pasión dolorosa de su Hijo ahora era alegría para mí. Yo había leído en Merton que era una tradición entre los trapenses que el nombre de cada monasterio determinaba la vida de los que entraran allí. En este caso el nombre Gethsemani significaba una relación de nuestras vidas con la agonía del Huerto de los Olivos. Pero el que un pajarito saliera volando tan alegremente de la primera estación de la pasión, para mí era un augurio de gozo (CARDENAL, 2012, p. 158).

A passagem em destaque concentra a lembrança que tem Cardenal de sua chegada ao mosteiro trapista em que vivia, conforme descrevi antes, o escritor Thomas Merton que, na ocasião, na condição de mestre dos noviços, responsabilizou-se por conduzir o jovem poeta nicaraguense no seu processo de descoberta da vida monacal. Detecta-se no relato de memória escrito por Cardenal a convicção íntima por ele formada de que Deus se manifesta por meio de todas as criaturas. A onipresença do espírito divino soava para ele incontestável.

Esse empenho em descortinar o mundo natural, vinculando-o ao divino e transformando-o em linguagem, leva Cardenal a operar poeticamente com temas e princípios originários das ciências. A ele interessava, por exemplo, a física quântica. Nesse sentido, importa anotar que Teilhard de Chardin (1881-1955), sacerdote jesuíta que dedicado a fundir pensamento religioso e científico, influenciou Cardenal diretamente. Vejamos na Cantiga 1 do *Cântico Cósmico*, intitulada *El big bang*, como Cardenal se apropriava da ciência para compor poeticamente

En el principio no había nada
ni espacio
ni tiempo
El universo entero concentrado
en el espacio del núcleo de un átomo,
y antes aún menos, mucho menor un protón,
y aún menos todavía, un infinitamente denso punto matemático.
Y fue el Big Bang.
La Gran Explosión.
El universo sometido a relaciones de incertidumbre,
su radio de curvatura indeterminado,
su geometría imprecisa
con el principio de incertidumbre de la Mecánica Cuántica (CARDENAL, 1989, p.11).

Fica evidente que se aliam e se destacam no poema de Cardenal seu cientismo e sua pronunciada espiritualidade. O poeta enxerga no cosmo a origem e destinação dos seres. Não seria equívoco ponderar que ele se empenhou no fortalecimento dos laços que envolvem ciência



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

e religião. Cardenal compreendia que, para a humanidade, uma e outra eram abordagens complementares, não-hierarquizadas e funcionais. Comprometidas com aqueles que anseiam lidar de maneira mais íntegra com o universo envolvente. O historiador Jean Delumeau sintetizou com acerto a coexistência entre essas abordagens no mundo contemporâneo:

Hoje não é mais o caso de submeter a ciência à religião, nem a religião à ciência. Mas por que se combateriam? Elas são duas abordagens diferentes que não se excluem; dois caminhos de conhecimento que não se opõem, pois não têm o mesmo objetivo. Uma procura o porquê e a outra o como. Muitos cientistas são seguramente agnósticos, e alguns ateus; e merecem todo o nosso respeito e a admiração que suscitam seus trabalhos. Muitos, porém, também conciliam crença no absoluto e pesquisa científica (DELUMEAU; MELCHIOR-BONNET, 2000, p. 378).

Resta demonstrada, particularmente em *Cântico Cósmico*, a maneira como Ernesto Cardenal admitia a relação de confluência entre mundo natural, linguagem científica e posicionamentos metafísicos.

Considerações finais

Ao término do presente empenho de pesquisa, que cuidou de inventariar e analisar alguns dos marcos da trajetória e das ideias de Ernesto Cardenal, pode-se afiançar que a libertação das pessoas figurou como valor essencial na literatura e nas ações do poeta. Dito de outra forma, na visão dele, a liberdade garantida a homens e mulheres constitui-se condição indispensável para a promoção de uma sociedade mais justa e solidária, livre dos mecanismos de opressão. Uma liberdade calcada no espírito fraterno. Na justeza entre os seres. No bem comum. Em síntese, a ideia de fraternidade, em medida considerável apropriada da vida monástica, define-se como traço da personalidade de Ernesto Cardenal.

Sua adesão a um mundo livre, igualitário e fraterno ele a expressa também por meio de sua obra literária. A estética da poesia de Cardenal se orienta pelo uso de palavras que, combinadas, emitem uma mensagem inclusiva, precisa e perfeitamente assimilável. Não há lugar para a escrita elitista, erudita e destinada a grupos privilegiados. Cardenal quer comunicar para todos os públicos. Deseja que seu texto priorize a coloquialidade. É sua intenção última atingir o leitor, sensibilizá-lo e despertá-lo para o mundo circunstante e para as realidades transcendentais. A beleza de sua poesia se exterioriza no dizer simples. Em lugar da técnica e da estilística, propósito e mensagem.

O anseio de alcançar as massas, na denúncia de injustiças sociais, econômicas e políticas a que assistia em seu tempo, moveu Ernesto Cardenal a escrever. A determinação de ser ouvido preponderava sobre a de ser aclamado. Penso que Ernesto Cardenal alcançou seu propósito de vida. O poeta da boina basca e negra desligou-se do mundo pouco antes de completar um século e, seguramente, legou para os séculos sem fim sua proficiência literária, seu exemplo libertário e seu místico amor pela criação.

Referências



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

BURKE, Peter. **A invenção da biografia e o individualismo renascentista**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n. 19, v. 10, p. 83-97, 1997.

CARDENAL, Ernesto. **Cristianismo y revolución**. Editorial Quatzal: Nicaragua, 1974.

_____. **Salmos**. Trad. de Thiago de Mello. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

_____. **Oração por Marilyn Monroe**. Trad. de Thiago de Mello. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

_____. **Cántico cósmico**. Managua: Nueva Nicaragua, 1989.

_____. **Cântico cósmico**. Trad. de Thiago de Mello. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. **Vida perdida**. Memórias. Volume I. 1º ed. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 2012.

_____. **Así en la tierra como en el cielo**. Managua: Abamá Ediciones, 2018.

_____. **LLILAS Benson Latin American Studies and Collection**. Entrevista. YouTube. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=Q47TWxNoC68&t=607s>>. Acesso em: 16/10/2020.

DEL PRIORE, Mary. **Biografia**: quando o indivíduo encontra a história. Topoi, v. 10, n. 19, jul-dez. 2009, p. 7-16.

DELUMEAU, Jean; MELCHIOR-BONNET, Sabine. **De religiões e de homens**. Trad. Nadyr de Salles Penteadó. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

DOSSE, François. **O desafio biográfico**: escrever uma vida. Edusp, 2009.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

ELIOT, Thomas Stearns. “As três vozes da poesia”. In: ELIOT, Thomas Stearns. **A essência da poesia**: estudos & ensaios. Trad. Maria Luiza Nogueira. Rio de Janeiro: Artenova, 1972.

LIMA, Wanderson. “Palidóia” In: **Desenredos**, Teresina, Edição 34, Ano I, nº 2, np, set/out, 2009). Disponível em: <http://desenredos.dominiotemporario.com/doc/02_traducao_-_teresa_davila_-_wanderson.pdf> Acesso em: 22/01/2021.

LORIGA, Sabina. “A biografia como problema”. In: REVEL, J. (org.). **Jogos de escalas**. A experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1998.



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

LORIGA, Sabina. **O pequeno X: da biografia à história.** Belo Horizonte: Editora Autência, 2011.

MERTON, Thomas. **Courage for truth: Letters to Writers.** BOCHEN, Christine (Org.). Nova Iorque: Farrar, Strauss and Giroux, 1993.

Norbert Elias. **A sociedade dos indivíduos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

PAZ, Octavio. "O desconhecido de si mesmo: Fernando Pessoa". In: PAZ, Octavio. **Signos em rotação.** Trad. de Sebastião Uchoa Leite. 3.^a ed. São Paulo: Perspectiva, 2012, pp. 201-220.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira.** Trad. De Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O mundo como texto: leituras da história e da literatura.** História da Educação. ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, v. 7, nº 14, set. 2003. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30220/pdf>> Acesso em: 30/01/2021.

QUEZADA, Jaime. "Ernesto Cardenal: La poesía nicaragüense y el testimonio de una época", In: QUEZADA, Jaime. **Prólogo a antología de Ernesto Cardenal.** Santiago, Editorial Universitaria, 1994, pp. 13-22.

REIS, Marcelo Rodrigues dos. Imaginário ocultista na vida e obra de Fernando Pessoa. In: **Congresso Internacional da ABRALIC: circulação, tramas e sentidos na literatura**, XVI, 2019, Brasília. Anais eletrônicos. Volume III. Disponível em: < <https://abralic.org.br/anais/>> Acesso em: 1/12/2020.

apoia poeta perseguido pela justiça. **Jornal de Notícias**, Lisboa, Portugal, 31 de ago. de 2008. Disponível em: <<https://www.jn.pt/artes/saramago-apoia-poeta-perseguido-pela-justica-1007050.html>>. Acesso em: 18 de out. 2020.

SCHMIDT, Benito Bisso. **Relações perigosas: história e biografia.** Jornal Zero Hora, Porto Alegre, 10 de dezembro de 2005.

ULLMANN, Reinholdo Aloysio. **Plotino: um estudo das Enéadas.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.